

ARCHIVO
ARCHITECTURA CIVIL
JORNAL

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

ARTE-SCIENCIA-HISTORIA

PHILOSOFIA DA ARTE

APRECIACAO DAS CONSTRUCCOES DOS EDIFICIOS

PUBLICOS E PARTICULARS

STEREOTOMIA

BIOGRAPHIA DOS ARCHITECTOS NACIONAIS

E ESTRANGEIROS

HISTORIA MONUMENTAL

DECORAÇÃO PERTINENTE A ARCHITECTURA

CONSTRUCCOES URBANAS E RURAIS

ARCHEOLOGIA

REVISTA ESTRANGEIRA SOBRE O PROGRESSO

DAS BELLAS ARTES

ACOMPANHADO DE ESTAMPAS

NO EDIFICO GOTICO PARA ARCHEOLOGIA NACIONAL NO LARGO DO CABO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL

20, Travessa da Portagem, 16

1865



ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL JORNAL

DOS

ARCHITECTOS PORTUGUEZES E ARCHEOLOGOS

SUMMARIO

Monumento de S. M. a rainha a senhora D. Maria I (*descrição da estampa que acompanha o presente numero*).—**Architectura**, origem das diversas ordens de architectura, por J. DA C. SEQUEIRA (continuação).—**Pacos dos Estáos e da Inquisição**, por I. DE VILHENA BARBOSA (continuação)—**Machado de Bronze oferecido á Associação pelo sr. Mendonça**, por T. A. PEREIRA DA COSTA.—**As ruinas da igreja do Carmo de Lisboa**, pelo ABBADE DE CASTRO.—**Boletim do Trimestre**, Abril a Junho.

MONUMENTO DE S. M. A RAINHA A SENHORA D. MARIA I

O projecto de monumento de S. M. a Rainha a Senhora D. Maria I que acompanha o presente numero do nosso jornal, proporcionando-nos a occasião de tornar conhecida a disposição geral d'aquelle monumento, offerece-nos favoravel ensejo para nos ocuparmos de um estatuario portuguez.

Sabe-se, por documento authentico da Legação de Portugal em Roma que, no anno de 1794 por ordem do Intendente Geral da Policia Diogo Ignacio de Pina Manique, fôra encarregado João Gerardo de Rossi, Director então dos pensionados de Portugal de bellas artes n'aquelle Corte, de mandar executar um monumento a S. M. a Rainha a Senhora D. Maria I, cuja parte architectonica o proprio de Rossi delineára, commettendo a João José d'Aguilar, então ali pensionado de Portugal, a execução dos modélos da respectiva parte estatuaria.

Sem querermos entrar na apreciação dos motivos que levaram de Rossi a tomar a responsabilidade d'aquella importante parte do monumento, e ainda menos dos titulos pelos quaes, completamente elheio a materias d'arte, elle se achasse á testa da educação artistica dos pensionados de Portugal em Roma, unicamente faremos notar que o documento ao qual nos referimos veio completamente destruir as duvidas que, por bem fundados motivos existiam sobre a parte que o Aguiar podesse ter tomado nas esculturas d'essa obra; podendo hoje em vista d'elle afirmar-se com verdade serem de sua mão os modélos de todas as esculturas pertencentes ao monumento de S. M. a Rainha a Senhora D. Maria I as quaes, depois de resgatadas ao esquecimento pela iniciativa da nossa Associação, foram por ella expostas á apreciação publica no seu museu.

São as esculturas a que nos referimos as seguintes:

A estatua colossal da Rainha, destinada á parte culminante do monumento e além d'esta, outras quatro estatuas colossaes, porém de menor grandeza, que representam a Asia, a Africa, a Europa e a America, assim como tres baixos relevos cujos assumptos se referem a actos do reinado da mesma Augusta Senhora.

O primeiro baixo relevo allude á instituição da Casa Pia de Lisboa

e á edificação da Real Basilica do Coração de Jesus;—vê-se n'elle representada a figura do Intendente Manique apresentando duas crianças ao genio benefico da Rainha o qual lhes indica o edificio destinado a subtrahi-las á miseria, e na parte inferior dois escudos, num dos quaes está representada a frente da mencionada Basilica, e no outro o symbolo da sua invocação.

O segundo baixo relevo allude ás importantes obras navaes emprehendidas durante aquelle reinado e ao incremento dado ás sciencias, ás artes e ao commercio; manifesta-se ser esta a intenção do estatuario pelas figuras de Minerva, de Mercurio e pelo genio da navegação que se acham alli representados.

O terceiro baixo-relevo representa o brasão das armas reaes de Portugal. Estes tres baixos-relevos e uma pedra liza que tambem ainda existe, e pelas suas dimensões parece destinada para a inscrição dedicatoria, constituem a parte decorativa dos quatro lados do grande pedestal do monumento.

Em quanto á parte architectonica d'este, poucas peças já restam nas antigas officinas do Paço d'Ajuda, e essas mesmas mutiladas, o que por certo não é grande damno; por quanto, o monumento n'esta parte é sobre vulgar, completamente destituido das condições indispensaveis a um objecto de tal ordem.

Toda esta obra achava-se já concluida em Roma no anno de 1794, e quando o governo portuguez d'então extinguiu a Academia das Bellas Artes de Portugal n'aquelle corte, foi ella remettida para Lisboa com todo o espolio da Academia, cujo destino ignoramos.

Em todas as esculturas d'este monumento se manifesta sensivelmente a influencia da escola de Canóva que o Aguiar frequentou no ultimo periodo da sua estada em Roma; escola como se sabe, cujo fim dominante era reagir pelo estudo dos modélos da antiguidade sobre as praxes um pouco livres da escola de Bernini, então em voga, e de seus sequazes;—nem por isso reputámos exemptas de defeitos estas esculturas, julgâmos contudo que, em toda a parte ellas poderião figurar dignamente num monumento publico.

Só nos resta o pezar de não podermos indicar outras obras do Aguiar de igual mérito e, posto que se saiba que nos annos de

1792 e 1793 elle executou em Roma as estatuas de Scipião de Enéas e de Crêusa; todavia, não temos d'ellas conhecimento, nem sabemos aonde parem; em quanto ás obras que elle executou em Lisboa depois do seu regresso, no anno de 1798, ellas são de tal ordem, que nos levam a suppôr ser veridica a tradicção pela qual consta, que causas moraes affectassem a sua intelligencia.

Não será fóra de propósito mencionar n'este logar que, pelo ministerio do reino foi ultimamente consultada esta Associação sobre a representação que a camara municipal de Lisboa lhe dirigiu pedindo-lhe, que mande levantar dentro do jardim da Estrella o monumento do qual acabamos de nos ocupar; porém sobre este objecto por ora nada diremos, por se achar comettido o seu estudo a uma commissão especial para esse fim nomeada.

ARCHITECTURA

Origem das diversas ordens da architectura

(Vid. col. 122 do numero antecedente)

As diferentes formas e dimensões das arvores que se offereciam quotidianamente á vista dos homens, e das quaes elles dispunham para effectuarem as suas construções; algumas das ditas arvores elevadas e frondosas como as faias, outras de medianas grossuras, taes como os abêtos, e as de diferentes especies que é escusado enumerar agora, deveriam talvez servir de fundamento aos diversos typos e caracteres das decorações architectonicas; typos esses que, aperfeiçoando-se progressivamente, e despojando-se da sua primitiva simplicidade e rudeza, se foram acommodando e empregando convenientemente, adoptando-se aos diversos usos para que os julgaram mais adequados. Esta genealogica progenitura é mais natural e verosimil, do que aquella que se lembraram de lhes atribuir alguns escriptores hyperbolicos e romanticos, que assimilaram as ordens de architectura com a robustez e virilidade dos homens, com a delicadeza e debilidade das damas, ou com a elegancia e formosura das virgens! Idéas singulares e extravagantes que nasceram, fructificaram e se diffundiram sem analyse, nos paizes em que se acreditavam as fabulas absurdas e monstruosas, ou as methamorphoses violentas e ridiculas, das criaturas humanas transformadas em disformes quadrupedes, em arvores, em peixes, e monstros sobrenaturaes!

Sobre as partes superiores dos troncos collocados verticalmente, assentavam e firmavam as traves ou vigotas horisontaes destinadas a solidar os mesmos troncos conservando-os nas competentes prumadas: d'aqui se originaram e estabeleceram os *architraves*.

Por cima dos architraves construiram-se as coberturas ou tectos dos edifícios, que eram formados com diferentes vigotas ou páus intervallados e dispostos em sentido perpendicular aos architraves, solidamente entalhados e pregados sobre estes. D'aqui deduziram os *frisos*: o que se observa distinctamente na ordem dorica, em a qual os tópos das mencionadas vigotas, mais altos do que largos, foram cobertos e embellezados com uma especie de tabellas de forma oblonga, e verticalmente—ranhaduras, ás quaes deram o nome de *triglyfos*; e os espaços ou intervallos quadrados que mediavam entre as arestas dos triglyfos e vigotas, chamavam-n'os *metópas*: nestes logares, que eram abertos e rotos nos primitivos templos gregos, faziam collocar os sacrificadores os craneos das victimas que immolavam em holocausto a seus falsos deuses, intercalando-os com os utensilios e instrumentos dos sacrificios; objectos que alisavam pendentes servindo de emblematico adorno e de tropheo vanglorioso em que misturavam ás vezes os escudos e armas usadas nos combates pelos seus guerreiros. Este costume deu lugar a que depois se tapassem as metópas com laminas de marmore, sobre as quaes esculpiram em baixo ou alto relevo os mencionados attributos e outros objectos sculpturaes, alguns de summa importancia e belleza, como eram por exemplo os das metópas do Partenon, existentes hoje no museu de Londres e comprados por exorbitante preço, etc.

Finalmente, sobre as extremidades d'aquellas vigotas, assentavam

e firmavam outras igualmente inclinadas sobre as duas frentes principaes do edificio, e reunidas no centro d'ele em conveniente altura, que sendo depois cobertas e forradas com taboas, serviam de estrados inclinados para o estabelecimento dos telhados, compostos com diferentes generos de telhas e coberturas destinadas a abrigar das chuvas os mesmos edifícios. E como esta serie de vigotas ou varas obliquas careciam de alguma saliencia para fóra das prumadas das paredes, afim de se facilitar a prompta saida ás aguas pluviaes, evitando-se a sua introduçao nos edifícios, aquella saliencia comprehendida na espessura das referidas varas, veio a constituir a chama *cornija*, a qual servindo e funcionando de uma maneira tão util e commoda constituiu ao mesmo tempo o principal remate ou a corôa do edificio.

As extremidades das vigas mestras que serviam de *linhas* a uma especie de armaduras ou *asnas*¹ que collocavam em certos e determinados logares intervallados, sendo as ditas armaduras destinadas a sustentar o peso das ultimas coberturas, deram origem sem duvida á determinação dos pequenos corpos que se notam collocados de espaço a espaço na extensão das cornijas, os quaes se designam geralmente com os nomes de *modilhões*: os ditos corpos contribuem por certo para enriquecer e tornar mais magestosas as mesmas cornijas.

Quando guarneциam ou emmolduravam os tópos das sobreditas varas, as cornijas tornavam-se corpos distintos, salientes, e sobrepostos aos frisos; mas se as guarnições d'aquelle corpo se abaixavam, de maneira que viessem a inclinar-se e apoiar-se sobre as partes superiores dos architraves, suprimindo d'este modo os espaços que deviam ser ocupados pelos frisos, eliminando por consequencia estes; a forma e disposição das ditas guarnições offereciam a apparença de entablamentos especiaes, ou de cornijas que denominavam *architravadas*, em as quaes os architraves figuram como frisos collocados immediatamente sobre os capiteis das columnas, o que se observa muitas vezes nos modernos edifícios.

Das faces dos telhados igualmente inclinadas sobre as duas paredes exteriores dos edifícios resultavam, nas menores paredes oppositas, dois triangulos isosceles que se denominavam, e ainda hoje se denominam *empênas*, cujas superficies lisas se tornariam assás desagradaveis, se não fossem de algum modo embellezadas, sendo necessário por isso guarnecel-as e contornal-as com varias molduras, adornando os espaços interiores d'ellas, chamados *tympanos*, com alguns ornamentos apropriados e conducentes: d'esta forma geometrica, pois, e do engenhoso sistema porque os architectos antigos entenderam que deviam preencher e adornar aquelles espaços triangulares, originaram-se naturalmente os chamados *frontões-fastigios*, ou *frontispicios* dos edifícios, etc. Na Grecia cujo clima é temperado e benigno, tinham os frontões diminutas inclinações: deram-lhes maior obliquidade na Italia, aonde as chuvas são mais frequentes e copiosas; e muito maiores elevações e obliquidades lhes fixaram ainda nos paizes septentrionaes, por causa das neves e das continuas geadas que ali sobreveem nas estações invernosas. No Egypto, porém, aonde as abundantes chuvas são raras e pouco duradouras, não se adoptavam nem estabeleciam nos edifícios as mencionadas empênas, sendo as coberturas de quasi todos, pouco inclinadas, ou proximamente horisontaes.

Taes foram, em summa, os principios ou elementos rudimentaes extraidos das cabanas e dos tugurios humildes e informes que abrigaram os nossos similantes durante o seu primitivo estado de ignorancia, antes de disfructarem os gosos de uma bem organisada associação: d'elles resultaram por necessaria consequencia os principaes fundamentos dos embellecidos generos de decoração em que se basearam as chamadas *ordens de architectura*, que tanto vieram por fim a engrandecer-se e a sublimar-se com as judiciosas combinações e conformações que lhes foram adicionando o portentoso genio e o apurado gosto dos grandes architectos dos passados secu-

¹ Não podemos aqui dar a completa definição e explicação dos diferentes termos technicos de que vamos fallando; o que faremos em o vocabulario que coordenamos, para o qual temos já compilado e explicado perto de mil termos com as suas competentes derivações ou etymologias.

los, e que ainda hoje, pelas sabias e engenhosas modificações dos modernos, offerecem infinitas variações que constituem os melodiosos encantos da *musica dos olhos*, como se lhe pôde chamar com bastante propriedade!...

Os sobreditos troncos verticalmente distribuidos que constituiam os principaes esteios dos edificios, collocaram-n'os provavelmente tão distanciados e separados uns dos outros, quanto bastasse para que os architraves destinados a sustentar o peso dos madeiramentos, senão tornassem fracos, em consequencia da sua demasiada extensão, faltando-lhes os indispensaveis pontos de apoio: d'aqui provém a estudada e bem proporcionada disposição, ou o gradual espacamento dos *intercolumnios*.

Vindo porém a carecer-se por obvias razões, de intercolumnios mais espaçoso, a fim de poderem passar por entre os seus intervallos os objectos de grande vulto que deviam entrar e sair dos edificios, e para se tornar mais franco e livre o accesso ao grande numero de pessoas que ali deviam concorrer quotidianamente; afastaram mais as columnas, reforçando-as e ampliando-as de ambos os lados com corpos parallelipipedos, que vieram depois a denominar *pilares*, ou *pés-direitos*; adicionando-lhes superiormente dois pedaços de madeira em forma de braços ou escoras pregados d'encontro aos architraves, para d'este modo sustentarem parte do peso superior dos madeiramentos, ampliando as forças dos mesmos architraves.

Tal foi por certo a origem das *arcadas*, e *porticos*.

Dispostos e collocados tambem os taes corpos parallelipipedos nas partes interiores dos edificios em diferentes localidades e direcções para servirem de sustentaculos aos tectos; e pregadas de encontro a elles, junto ás suas extremidades superiores, as convenientes escoras, assim vieram a estabelecer-se os elementos dos *pilares isolados*, e depois os das *abobadas*, a que os mesmos pilares serviram e servem de sustentaculo. Estas abobadas tomaram diferentes conformações e disposições, segundo a maior ou menor largura e elevação das mencionadas escoras, vindo portanto a denominar-se, conforme a sua natureza e particular curvatura: — *abobadas de berço* — *de canudo* — *de tumba* — *ogival* — *de aresta* — *de barrete de clérigo* — *cylindrica*, etc., etc. Assim como das diferentes elevações e direcções com que se escoraram exteriormente os architraves de encontro aos pilares que reforçavam os espeques, se deduziram os arcos chamados de *volta perfeita* ou *semicircular* — *de volta abatida* — *de ponto subido* — *ogivas*, etc.

Para se subtrairem e pôrem a coberto dos rigores das intempries, julgaram conveniente os fabricantes d'aqueles modestos edificios, tapar os vãos ou espaços abertos comprehendidos entre os esteios, deixando comtudo em certos e determinados logares as necessarias aberturas para a introdução do ar e da luz, ou para praticarem as indispensaveis serventias e o facil accesso do interior com o exterior das habitações: taes foram os elementos das *portas* e das *janellas*. D'aqui se deviam tambem originar certas decorações que costumam chamar de alto e baixo relevo, segundo as quaes as pilas ficam sempre um pouco salientes para fóra das paredes, e parte das columnas introduzidas nas espessuras dos muros, sobrassando-lhes tres quartas partes de seus diametros, pouco mais ou menos.

Como fechassem ás vezes os sobreditos espaços com varias peças de madeira ou de pedra, de forma parallelippeda e de dimensões proximamente iguaes, das quaes os lados maiores ficavam collocados no sentido horizontal, unidos uns aos outros, e dispostos de maneira, que as juntas das peças superiores se reuniam no meio das faces das inferiores, contrapondo-se assim por fiadas alternativas e symetricas, veiu a originar-se da disposição em que ficavam as mencionadas juntas, uma especie de embellezamento ou decoração para as superficies externas dos muros, á qual deram o nome de *rustico*, ampliado depois com os entalhes rectangulares, boleados, ou chanfrados que se praticam nas arestas das pedras, determinando cavidades que produzem sombras, distribuidas com igualdade no sentido horizontal e vertical, recortando aquellas superficies *com painelados* e contribuindo para que não fiquem lisas.

Conhecendo bem assim os antigos constructores que lhes convinha resguardar as suas habitações das humidades do sólo, levantavam mais ou menos os fundamentos d'ellas, collocando-os sobre traves dispostas umas sobre as outras, ou em paredes de alvenaria, etc., fazendo d'este modo subir e elevar os pavimentos interiores: tal foi a causa de se estabelecerem e formarem os chamados *envasamentos*, ou *pedestaes*, que algumas vezes se adoptam nas construções dos modernos edificios.

Para se abrigarem das chuvas, collocaram por cima das vergas das portas e das janellas dois pedaços de taboas salientes, inclinados e reunidos no centro, para que as aguas caindo sobre esta especie de alpendre, se deslizassem e escorressem de ambos os lados ou flancos dos portaes sem molhar as pessoas que estivessem nos vãos; d'aqui veio a sugerir-se certamente a idéa dos pequenos *frontões*, ou das cornijas com empennas que adornam hoje e tanto embellezam as portas e janellas das casas nobres.

A necessidade de estabelecerem abrigos commodos para os individuos que concorriam aos edificios, e precisavam permanecer ali por algum tempo, deve ter dado origem ao estabelecimento dos *porticos* e *gallerias cobertas*, que hoje circundam e contornam os grandiosos palacios.

As escadas tiveram principio nos troncos ou ramos das arvores cortados de igual comprimento e convenientemente aparelhados, sobre postos em pranchas inclinadas, por meio dos quaes se subia e ganhava o accesso ás elevações e partes altas dos edificios apoiando-se gradualmente os pés sobre os mesmos troncos.

E os gradamentos que vedam as portas e as janellas baixas derivam-se, provavelmente, das defezas ou barreiras que atravessavam nos vãos para evitarem que os animaes os podessem transpôr penetrando nas habitações, ou que as creanças incáutias saíssem d'ellas e se precipitassem, etc.

Discorrendo-se e reflexionando-se d'esta maneira e investigando-se qual fosse o principal fundamento e o appropriado fim de todos os corpos architectonicos de que hoje se compõem os grandes edificios, poder-se-ha descobrir e demonstrar a origem do mais diminuto membro e insignificante accessorio.

Foi este sem duvida o directo e natural caminho trilhado pelos Gregos, ou por quaesquer outros povos antigos (se porventura foram outros) para chegarem á criação, á descoberta e aperfeiçoamento de uma arte que teve e tem por immediato fim a necessidade, e que o luxo e a oppulencia dos homens foi pouco a pouco ampliando e enriquecendo, a ponto de transformarem a cabana mais rustica e humilde no palacio mais sumptuoso e magnifico.

Aquillo que na infancia das sociedades fizera nascer uma especie de instincto, e que fôra engendrado toscamente com os mais grosseiros e frageis materiaes, veio por fim o genio dos homens, os seus porfiosos trabalhos e engenhosa industria, a realçar e sublimar, convertendo e transformando os informes lenhos, os materiaes mais rudes e tocos em objectos preciosos, d'radouros, e bem obrados!...

Temos portanto analysado e explicado em resumo a origem da nobre arte de architectura, e por consequencia a dos principaes elementos de que ella se compõe para se ostentar tão magnifica e sumptuosa nos modernos tempos.

Passaremos a tratar da sua *essencia*, qualificações, e prerrogativas.

(Continúa.)

J. DA C. SEQUEIRA.

PAÇOS DOS ESTAOS E DA INQUISIÇÃO

IV

(Continuação da columna 104)

Tratando simplesmente da fundação d'este edificio e das necessidades porque passou, e indicando os diversos usos a que foi destinado, e as diferentes instituições a que serviu de séde, não é nosso proposito escrever aqui a historia da inquisição. Bastará commemorar, que este terrivel tribunal, instituido a instancias d'el-rei D. João III solicitado por seu fanatico irmão, o cardeal infante D. Henrique, foi introduzido em Lisboa no anno de 1531.

A rasão que se apresentou á curia romana, para obter do pontífice

essa funesta concessão, foi que, era necessário devassar, para se proceder ao devido castigo dos judeus que, por occasião da expulsão de seus irmãos do reino, ordenada por el-rei D. Manuel, tendo preferido ficar, recebendo o baptismo, e jurando seguir a religião de Jesus Christo, persistiam occultamente no culto judaico. Atemorizados os israelitas com uma tal instituição, voltaram-se para Roma, e lá fizeram chegar as suas representações e queixumes, por tal arte envolvidos em oiro, que alcançaram do papa a bulla de suspensão do tribunal do Santo Officio, passada em 1534, e ao mesmo tempo indulto geral.

Não aprovou D. João III a clemência do pontífice, mas o cardeal infante ainda ficou mais contrariado. Assim, movidos ambos de um fervor diabolico, a que chamavam santo, tantas e tais diligências empregaram, que o papa, dobrando-se finalmente à vontade do monarca português, passou e expediu a bulla do estabelecimento definitivo da inquisição em Portugal, correndo o anno de 1536. Foi primeiro inquisidor geral D. frei Diogo da Silva, que exerceu este cargo até 1539, em que o renunciou para ser n'elle provido o cardeal infante D. Henrique, mais tarde rei de Portugal, por morte d'el-rei D. Sebastião, seu segundo sobrinho. Foi então que principiaram as verdadeiras perseguições e cruezas da inquisição. No seguinte anno de 1540 realizou-se o primeiro auto de fé, saído dos paços da inquisição.

D'ahi por diante o antigo paço dos Estáos, transformado em lugubre prisão, foi um theatro de horrorosos tormentos para muitos milhares de infelizes, victimas não sómente do seu apego à religião judaica, que haviam bebido com o leite, mas também da inveja, da ambição e de outras ruínas paixões, às vezes ainda mais ignobres, d'aquelles que os perseguiam.

O terremoto do 1.^º de novembro de 1755 lançou por terra aquele edifício, confundindo-o por tal modo no pó das ruínas, que nenhum vestígio lhe deixou das formas que antes tinha.

O mesmo cataclismo destruiu todos os edifícios que orlavam a praça do Rocio. Assim, quando se tratou da reedição da cidade, todas essas ruínas foram acabadas de demolir para darem lugar à nova praça, mais ampla e regular, segundo a planta traçada pelo archictecto Eugenio dos Santos de Carvalho.

Tendo-se feito desaparecer, para a realização d'este projecto, o palacio que fôra do conde de Ourem, que ficava na antiga praça, do lado de éste do paço da inquisição, estendeu-se este, na reedição, sobre o terreno ocupado em parte por aquelle, e em parte pela propria praça, que ahi formava um recanto.

O archictecto Carlos Mardel fez o risco e dirigiu as obras do novo palacio da inquisição, cuja frontaria se compunha de tres corpos: o primeiro, e principal, em rasão de guarnecer todo o lado do norte da praça do Rocio, ficava onde agora vemos o theatro de D. Maria II; o segundo, mais recolhido, fazia frente à rua do Ouro; o terceiro, resaltava d'este para fôra até alinhar com o primeiro, e deitava uma pequena fachada para a rua do Principe. Constavam os tres corpos de quatro pavimentos; o terreo, o nobre, segundo andar e aguas furtadas. O corpo principal tinha no centro um grande portal, com portas de ferro, entre pilastres doricas, que iam sustentar o frontão. Sobre o portal ficava uma grande janella com larga varanda cercada de balaustrada, e sustentada por quatro cachorros com bonitos lavores. O frontão tinha no tympano o escudo das armas reaes, nos acroterios dois vasos ou pyras, e no vértice a estatua colossal da Fé. Era esta estatua uma bella obra de escultura. O desenho d'ella foi feito por Joaquim Machado de Castro, o exímio escultor a quem Lisboa deve o grandioso monumento da estatua equestre d'el-rei D. José I; e a execução foi confiada aos seus discípulos, João José Elveni, Francisco Leal Garcia, Jose Joaquim Leitão e Alexandre Gomes. No pavimento terreo abriam-se de cada lado do portal sete janellas, e igual numero nos dois pavimentos superiores, aos lados da grande janella central. Em tempos muito posteriores foram algumas das janellas do pavimento terreo, da parte de éste, rasgadas em portas.

O segundo corpo, que, como dissemos, era mais recolhido, tinha cinco janellas em cada um dos tres pavimentos, sem porta alguma.

No terceiro corpo havia sete janellas em cada um dos ditos pavimentos, etambém sem portas. Estes dois corpos de edifício ocupavam o terreo que ao presente é o largo de Camões.

A frente do corpo, que deitava para a rua do Principe, pegava e dava saida para um jardim, que se estendia sobre as abobadas das lojas que guarneçiam a mesma rua e o angulo da do Regedor, sobre as quaes se levantaram em 1843 os predios que alli vêmos com as frentes vestidas de azulejos. O jardim, que mais tarde foi conhecido com o nome de jardim do Regedor, era adornado com um pequeno lago de repicho, de marmare, no centro; com vasos e tres estatuas de marmore¹ sobre os alegretes com assentos, que caíam sobre a rua do Principe, e com um elegante pavilhão, construído de cantaria bem lavrada, com grandes janellas e portas de vidraças, o qual se erguia no angulo que fazia o mesmo jardim para as ruas do Principe e do Regedor.

Por detrás do corpo principal do palacio ficava o chamado pateo da Inquisição, para onde dava saida um portico que correspondia ao portal da frontaria. Apesar do nome de pateo, era um largo publico, com varias casas particulares e comunicando por um beco e uma travessa com a rua das Portas de Santo Antão. O pateo da inquisição propriamente dito ficava nas costas dos outros corpos do palacio. Em torno d'esse pateo levantava-se a parte do edifício, onde se achavam em diferentes andares os carcereis, e as galerias com as espreitadeiras para dentro dos mesmos. Encerrava este palacio grandes e bellas salas e uma bem ornada capella. A escada principal era magnifica.

Quasi ao mesmo tempo, que um terremoto fez ruinas do palacio do Santo Officio, um acto ousado d'el-rei D. José I, aconselhado pelo seu grande ministro, marquez de Pombal, abalou pelos fundamentos a instituição que alli tinha a sua séde. Este soberano acabou com a distinção de christãos novos e christãos velhos, distinção odiosa d'onde tinham saído tantas perseguições. Aboliu o suppicio do fogo; privou aquelle tribunal de confiscar em seu proveito os bens dos condemnados; em fim, por estas e outras disposições coarctou por tal modo o poder da inquisição, que d'ahi em diante foram diminuindo sucessivamente as suas perseguições.

Em troca do poder que lhe tirou, e como para lhe doirar a escada da decadencia, por onde o impellira com forte impulso, concedeu el-rei ao tribunal do Santo Officio o tratamento de magestade.

Em 1785 ataviou-se o palacio da inquisição com esplendidas galas, em obsequio tambem de um consorcio regio, como na primeira metade do seculo xvi, e approuve igualmente á Providencia que o segundo enlace, que se festejava n'aquelle tenebroso edifício, fosse, embora por diferente forma, não menos infeliz que o primeiro, e talvez ainda mais desditoso, porque ás discordias e odios que tornam os laços conjugues em pesadas cadeias, é muito preferivel, em nossa opinião, a morte enviada por Deus para os cortar de um só golpe.

Os nossos leitores já advinharam, sem duvida, que alludimos ao casamento do infante D. João, depois rei, 6.^º do neme, com a infanta de Hespanha, mais tarde rainha, D. Carlota Joaquina de Bourbon.

Tendo sido destinada, e preparada com muita grandeza, uma parte do palacio da inquisição para n'ella se hospedar o embaixador de Hespanha, o conde Fernão Nunes, que vinha expressamente representar a el-rei catholico, D. Carlos IV, na solemnidade d'aquelle real consorcio, este opulento fidalgo ostentou n'esta função pompa e luxo desusados. A illuminação com que adornou toda a frontaria do palacio da inquisição, em a noite de 8 de maio e seguintes do referido auno, foi tão rica e vistosa, pela variedade e beleza das decorações, e tão deslumbrante pela prodigiosa quantidade de luzes, que trocaram no Rocio a noite em dia, que por largos annos ficou esta festa memorada, e proverbial entre o povo como typo de grandeza, de formosura e bom gosto em similhantes funções.

A regencia nomeada pelo principe regente, D. João, para governar o reino durante a ausencia da familia real, que havia partido para o Brazil, instalou-se no palacio da inquisição. E tanto havia di-

¹ Estas tres estatuas decoram actualmente o reservatorio das Amoreiras.

minuido a este tempo a auctoridade e prestigio d'este tribunal, que não obstante ser mui limitada a parte do edificio ocupada pela regencia do reino, o povo começou a dar este nome ao palacio, e em breve prevaleceu ao antigo.

No dia 15 de setembro de 1820 realizou-se na praça do Rocio a revolução militar e popular, que, adherindo ao grito levantado na cidade do Porto, aos 24 de agosto antecedente, proclamou o regimen constitucional. Nesse mesmo dia se estabeleceu no *palacio da regencia* o governo provisorio, eleito por aclamação popular na vizinha praça.

Aos brados triumphaes da liberdade baqueou subitamente a inquisição. A multidão, que enchia a praça do Rocio, arremeteu-se contra as portas d'este horrivel tribunal, impellida pelo desejo de salvar os infelizes que ali jazessem. Ninguem se atreveu a disputar-lhe o passo, e o povo penetrou por aquelles sombrios corredores, devassando todos os mysterios, ora recuando cheio de terror; ora descendo animoso aos medonhos carceres subterraneos, guiado pelo mesmo pensamento generoso. Os que entravam saiam horrorizados do aspecto pavoroso dos carceres, a que a crueldade dos inquisidores condenou, por mais de dois seculos, a milhares de desgraçados. Todavia poucos presos ahi encontraram. Um d'estes só gosou da liberdade o tempo necessario para chegar á praça do Rocio, e ahi morrer nos braços de sua desolada familia.

As portas do santo officio estiveram francas ao publico por muitos dias, sendo immensa em todos elles a concorrença do povo.

Assim pois, quando a estatua da Fé, que symbolisava o santo officio, foi d'ahi a pouco apeada do logar onde campeava, o povo rompia em clamorosos aplausos. A estatua foi levada para o palacio arruinado dos duques de Bragança, e qnando nos fins do anno passado, ou principios d'este, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, o distinto e zeloso fundador do museu archeologico da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, e a quem se deve a idéa inicial d'esta util instituição, se dirigiu aos restos d'aquelle palacio, para d'ali transportar, competentemente auctorizado, a dita estatua para o mencionado museu, achou-a completamente desfigurada, informe nas feições e na roupagem.

O incendio, que destruiu uma grande parte d'aquelle palacio em 1841, calcinou a estatua da Fé, fazendo-lhe perder todas as suas formas. Singular coincidencia! O symbolo, em nome do qual tantas victimas padeceram sobre o fogo, tambem acabou pela propria acção do fogo!

Em novembro de 1820 fci o antigo palacio da inquisição, agora denominado do *Governo*, teatro, conjuntamente com a praça do Rocio, de dois acontecimentos politicos de importancia. No dia 11 d'esse mez o general Silveira, á frente da tropa da guarnição de Lisboa, reunida no Rocio, proclamou a constituição hespanhola de 1812; assenhoreou-se do governo, e estabeleceu o seu quartel general n'aquelle palacio. Era uma tentativa d'alguns generaes ambiciosos para se apoderarem do poder, e o primeiro acto, certamente, se o movimento vencesse, da futura reacção em favor do regimen absoluto. Passados apenas seis dias, na noite de 17, o povo, cheio de entusiasmo, e com grande acompanhamento d'archotes, levando nos braços Manuel Fernandes Thomaz, foi instalar de novo no *palacio do governo* o patriarca da liberdade e os outros membros do governo provisorio, expulsos pelo general Silveira no dia 11.

Finalmente, no dia 24 de abril de 1824 tambem ali se realizou um successo grave, que foi, por assim dizer, o prologo d'esse tristissimo drama, que tanto sangue portuguez fez derramar sobre o cadasfalco e nos campos de batalha, em lucta fraticida. N'aquelle dia, pois, reuniu o sr. infante D. Miguel as tropas da capital no Rocio, e estabelecendo o seu quartel general no visinho palacio, d'ali mandou cercar de soldados o paço da Bemposta, em que residia el-rei D. João VI, com prohibição de entrar ou sair pessoa alguma sem ordem escripta pelo proprio punho do infante; e ao mesmo tempo fazia conduzir ao Limoeiro, ao castello de S. Jorge, á torre de S. Julião da barra, e ás prisões da praça de Peniche as pessoas mais afectas ao soberano, e os homens mais distinctos do partido liberal. Esta tentativa criminosa foi então frustrada, como é sabido, pela in-

tervenção do corpo diplomatico junto de el-rei D. João VI; e em especial pelas diligencias, resolução e energia do ministro de França, o barão Hyde Neuville, a quem depois aquelle monarcha, em testemunho da sua gratidão, creou marquez da Bemposta, titulo que ao presente desfruta seu sobrinho.

No anno de 1826 o *palacio do governo*, outr'ora da inquisição, serviu de assento á primeira camara dos pares, que houve no reino, creada pela carta constitucional outorgada aos 29 de abril d'esse mesmo anno pelo sr. D. Pedro IV.

Pouco tempo conservou a denominação de *palacio da camara dos pares*, porque os acontecimentos do primeiro quartel do anno de 1828 acabaram com esta instituição e com o sistema representativo.

Achando-se, enfim, accommodadas n'este palacio, desde o anno de 1833, o tribunal e contadaria do thesouro publico, a secretaria da fazenda, a commissão do credito publico e a repartição do papel sellado, foi todo este vasto edificio consumido por um violento incendio no dia 14 de julho de 1836. Assim veiu tambem a verificarse n'este monumento a pena de Talião. Acabou de todo a sua existencia devorado pelo fogo, o edificio, onde foram condemnados tantos infelizes a perecer nas chamas.

Passados annos foi demolida uma parte do palacio incendiado para edificação de predios particulares e para a abertura do largo de Camões, e a outra parte foi vendida pelo estado á camara municipal de Lisboa, para ali erigir os novos paços do concelho. Porem este projecto não chegou a effeituar-se. Em vez do palacio municipal surgiu o theatro de D. Maria II, que fez desapparecer os derradeiros vestigios do ominoso edificio da inquisição.

I. DE VILHENA BARBOSA.

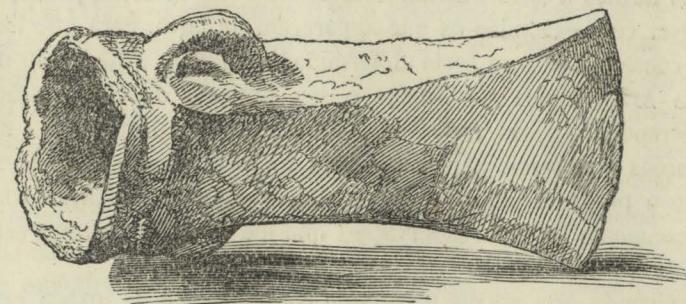
MACHADO DE BRONZE

OFFERECIDO Á ASSOCIAÇÃO
PELO SR. H. E. DE MENDONÇA

No n.º 613 do *Diario de Noticias* de 25 de janeiro do corrente anno, na columna 4.^a da pagina 3.^a lê-se—que o sr. Henrique Eugenio de Mendonça, do logar da Abrigada, concelho de Alemquer, tencionava offerecer para o museu do Carmo um objecto, que havia sido achado em uma porção de terreno, que se andava arroteando na sua quinta denominada do Escoto.

Pela descrição do objecto achado, que faz parte da noticia, reconhecia-se imediatamente que era um *machado de bronze*.

Não conhecendo instrumento algum d'esta qualidade, achado no nosso paiz, fiz diligencia para o vér e por intervenção do meu amigo o sr. José da Costa Sequeira, dignissimo membro da Associação dos Architectos Civis Portuguezes consegui tirar uma fórmula, e com ella um modelo do sobredito instrumento, que enviei para Paris a mr. Gabriel Mortillet.



A direcção do periodico que tem por titulo *Revue archeologique de France* publicou com o titulo de—Projet de classification—as figuras que representam os principaes typos de formas de machados de bronze: este projecto contém 22 fórmulas, designadas pelas letras do alfabeto.

O typo designado pela letra D, n'esta classificação é a fórmula predominante na França occidental, e mais particularmente na Bretan-

nha, onde apparece em mui grande abundancia: este typo representa um machado de secção quadrada, tendo um alvado na base para encavamento, e um annel sobre um dos lados. O exemplar achado na quinta do Escoto, sendo d'este typo, affasta-se um pouco d'elle porque tem dois anneis oppostos, e apresenta um só filete, em logar de dois, abaixo e por fóra do bordo do alvado.

A descripção d'este instrumento que se acha na noticia da sua descoberta está bem feita e parece-me conveniente conservá-la— «Tem (o instrumento achado) dezescis centimetros de comprimento em forma quadrada; acaba em cunha, quasi em fio cortante, aonde tem a largura de cinco a seis centimetros; a sua maior espessura do lado opposto á cunha, isto é, aonde tem um vacuo (alvado) proprio para encavar n'um vão é de seis centimetros. Tem junto a este encavadouro duas argolas (anneis) em sentido diametralmente opposto, tendo este a profundidade de oito a nove centimetros. O seu todo assemelha-se a uma aguilhada propria para lavoura em consequencia da dita cunha e ainda mais pelo seu encavadouro.» O auctor da noticia conclue perguntando—se seria algum instrumento de lavoura dos seculos passados? Pôde responder-se que é um instrumento da idade do bronze d'aquelles que se chamam *machados*.

Pelo que diz respeito ao emprego dos instrumentos que têem a forma do typo D, tem-se-lhes contestado o emprego como machado: tem-se dito que o alvado se prolonga muito para o gume e que pouco ficava para lhe afiar o córte; esta objecção não tem valor, porque o fio era dado a estes instrumentos pela percussão do martelo e não por meio de pedra: outros allegam que ha instrumentos da mesma forma, mas referidos ao typo E na classificação, que por serem muito pequenos, não poderiam evidentemente ser empregados como machados.

Os sabios que não admitem que fossem machados, suppõem que serviam para fixar as tendas, enterrando-os no chão com varas mettidas nos alvados e seguras por cordas passadas nos anneis.

O sr. Mortillet e com elle a maior parte dos archeologos, suppõe que os instrumentos grandes, como este de que tratamos eram verdadeiros machados e os pequenos da mesma forma seriam simplesmente machados votivos para substituir os verdadeiros nas ceremonias religiosas, e principalmente nas funerarias. Com efeito se fossem destinados para fixar as tendas era mais natural, como diz o sr. Mortillet que os fizessem terminando em ponta aguda e não em gume.

O machado é o instrumento mais commum e mais caracteristico da edade do bronze, e por isso conhecendo-se precisamente quaes são as formas, aliás mui variadas, que elle apresenta em cada paiz, poder-se-ha marcar qual é a distribuição geographică de cada typo, e o conhecimento d'esta distribuição poderá dar indicações preciosas sobre a delimitação das populações da edade respectiva, e fazer conhecer, ao menos em parte, as relações que estas populações tiveram umas com as outras.

É portanto um valioso serviço prestado á archeologia, precisar bem as formas d'estes instrumentos achados em diversos paizes, e descrever com exactidão os que aparecem de novo. Para que isto possa conseguir-se com certa uniformidade publicou a Redacção da Revista Archeologica de França o seu projecto de classificação, considerando-o apenas como um programma que propõe para investigações uniformes, appellando para todas as pessoas que teem a peito o progresso da sciencia, e declarando que acolherá com reconhecimento todas as observações que lhe forem dirigidas a este respeito.

Terminando esta noticia parece-me conveniente e de justiça que se dê o merecido louvor ao sr. Henrique Eugenio de Mendonça pela generosidade com que se houve offerecendo a um estabelecimento publico o machado de bronze que achou em uma propriedade sua, e oxalá que este exemplo, que tanto abona o espirito illustrado do offerente, seja imitado pelas pessoas que tiverem objectos d'estes, mui valiosos para a sciencia, quando se tornam conhecidos, e se collocam em condições de serem vistos e estudados, mas que ficam sem valor algum e de todo perdidos quando se retêm, ou se ven-

dem para fundir como me constou que aconteceu não ha muito tempo com um d'estes instrumentos descoberto no Alemtejo.

Lisboa 2 de agosto de 1867.

F. A. PEREIRA DA COSTA.

AS RUINAS DA IGREJA DO CARMO DE LISBOA

Para não ser estranho nas coisas de casa e peregrino na propria patria. A igreja do ex-convento da invocação de *Santa Maria do Carmo*, que pertenceu aos Religiosos Carmelitas Calçados de Lisboa, foi fundada no anno de 1389, pelo sempre grande e afamado Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, em commemoração e agradecimento pela victoria de Aljubarrota, ganhada gloriosamente pelos portuguezes contra as armas de Castella, a 14 de agosto de 1385, que firmou a independencia de Portugal, e ornou de loiros a fronte de D. Nuno Alvares Pereira. Seu fundador lançou-lhe a primeira pedra no mez de julho, do já referido anno de 1389, e viu-lhe colocar a ultima em 1423, depois de 33 annos de trabalhos nunca interrompidos. Durante a edificação duas vezes se alluiu a capellamór, de sorte que á terceira vez que se lhe abriram os alicerces se profundiou o cavouco abajo do nivel do Valle, onde hoje é a praça de D. Pedro IV (vulgo Rocio¹). Os seculos XIV e XV produziram a architectura ogival, isto é, a reunião e a alliance intima do sistema gothico com o sistema arabe, ou mourisco. A architectura ogival, que em si encerra as graças, a ligeireza, a poesia da architectura arabe, e a colossal gravidade da architectura septentrional, veio a ser por conseguinte do seculo XIII para o fim do XV a architectura monumental e religiosa na Europa. Da referida architectura é o templo de *Santa Maria do Carmo* de Lisboa. Tem a igreja de comprimento da porta principal até á parede da capellamór 337 palmos e de largura 100. Era dividida em tres naves, tendo a do meio 40 palmos e as dos lados 25.

Foi sagrado este templo grandioso a 30 de agosto de 1523, por D. Ambrosio, bispo de *Rusiona*, como declara uma inscrição gravada em letra romana restaurada, que ali se observa, ainda na pilaster, ao lado esquerdo antes de entrar a porta principal.

Da primitiva igreja, até o fatal terremoto de 1755, só restam as paredes e o frontispicio. As obras da sua reedificação, começadas pelos Religiosos Carmelitas, depois do cataclismo de 1755, distinguem-se perfeitamente pela alvura da pedra das partes que restam da fabrica primitiva, ennegrecidas pelo tempo, e estaladas pela voracidade do incendio. Os frades começaram a reedificar a igreja, mas deixaram-n'a em muito atraso.

A primeira fabrica recommendava-se pela pureza e severidade do estylo da architectura monumental e religiosa. Os architectos e esculptores que presidiram á sua primeira construção foram os seguintes: *Estevão Vasques, Thiago de Carta, Gonçalo Eanes, João Lourenço, Affonso Eanes, Lourenço Affonso, e Rodrigues Eanes*.

Neste templo, que é uma das mais preciosas reliquias da antiguidade que Lisboa possue, assim como é um dos padrões da historia de Portugal, estão sepultados a duqueza de Bragança D. Joanna de Castro, mulher do 2.^o duque D. Fernando I e alguns outros membros d'esta familia, os marquezes de Alegrete, Duarte Brandão, Antonio Ferreira, D. Miguel de Almeida, Manuel Alvares Pegas, Jorge Ferrão de Evora, Jorge Pimentel, Antonio Carvalho da Costa, João de Guimarães (o Alfageme de Santarem), o Cardeal D. João da Motta e Silva, e outras pessoas notaveis em sangue, letras, armas e amor da patria.

O fundador d'este grandioso edificio de *Santa Maria do Carmo*, n'elle veiu a terminar seus dias no 1.^o de novembro do anno de 1431, depois de ter renunciado ás grandezas do mundo (resplendor falso, gloria mentirosa), e de haver repartido seus avultados bens.

Monumentos que atestaes os mais gloriosos feitos, a sabedoria, e magnanimidade dos passados, caí em terra, e com as vossas rui-

¹ Rocio e Récio, segundo Duarte Nunes de Leão na sua Origem da Lingua Portugueza, cap. 16, tem grande diferença: *Rocio* é propriamente o orvalho, e *Récio* praça ou especie de prado.

as nraememono porvir o desdenho, desatino e mesquinhez dos presentes. Templo ha ahi mandado derrubar, que por si é um livro.

ABBADE DE CASTRO.

**ASSOCIAÇÃO
DOS
ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES**

Synope dos trabalhos da Associação dos Architectos civis Portuguezes lida na assembléa geral de 27 de julho de 1865

(Continuação)

O sr. presidente participou que a comissão mixta dos Architectos e da Sociedade Archeologica Luzitana já está funcionando com muita animação.

Resolveu-se tambem n'esta sessão que o conselho facultativo tratasse de apresentar as alterações que sejam convenientes no regulamento interno para ficar em harmonia com os nossos estatutos.

SESSÃO DE 12 DE JANEIRO DE 1865

Apresentou o sr. presidente o parecer das secções, aprovando para socios os ill.^{mos} srs. Antonio Maria Couceiro da Costa, Joaquim Rodrigues Guedes, Antonio Augusto d'Aguiar; foram aprovados unanimemente.

Perguntou o mesmo sr. presidente, se na sessão solemne do dia 22 d'este mez se devia fazer convites, decidiu-se que tão sómente ao presidente do Gremio Popular, por nos acharmos trabalhando na casa do referido Gremio; e que não se fizessem convites além dos socios, por estar a nossa Associação em começo.

Decidiu-se que se fizesse a aquisição do busto de S. M., do Augusto Protector da nossa Associação, El-Rei o sr. D. Fernando, para aparecer na sala na sessão solemne, sendo para isso autorizado o sr. presidente a adquirir o referido busto, bem como a dispor tudo convenientemente para aquella sessão.

O sr. presidente disse, que tendo de ser inaugurados n'este dia os retratos dos dois architectos Ludovice, e Costa e Silva, o 1.^º auctor do edifício de Mafra, e o 2.^º do theatro de S. Carlos, propunha que se comprassem as photographias d'estes dois edifícios, e se expozessem juntamente com os retratos dos seus autores. Participou tambem o sr. presidente, que estavam escriptas as biographias dos dois architectos referidos, pelos dignos socios Abbade de Castro e Vilhena Barboza, para serem lidas pelos seus autores na mencionada sessão, e foi recebida com grande satisfação esta noticia.

Foi apresentado pelo socio P. J. F. da Costa, o definitivo trabalho da comissão, da qual era presidente, e tinha sido auctor da proposta a respeito dos estudos que deverão ter os Architectos Portuguezes; depois de lido foi unanimemente aprovado, e decidiu-se que o sr. presidente o remettesse com um officio á meza da assembléa geral na sessão solemne, para n'aquelle sessão ser lido e conhecido o seu contheudo.

SESSÃO DE 2 DE FEVEREIRO DE 1865

Apresentou o sr. presidente um officio do socio hononario o ex.^{mo} sr. João Carlos Infante de Sequeira Corrêa da Silva, agradecendo a sua nomeação, e pedindo desculpa de não ter assistido á sessão solemne do dia 22 de janeiro proximo passado; uma carta do ex.^{mo} sr. Miguel do Canto, na qual declarava em termos muito lisongeiros aceitar agradecido a nomeação para membro da comissão local das Bellas Artes de Lisboa; outra carta do secretario do Instituto dos Architectos Britanicos, expressando em nome do dito Instituto o mais vivo reconhecimento pela offerta do busto de Bottaca, feita pela sociedade, e revelando o alto apreço em que o Instituto tinha tão celebre architecto; leu-se um officio datado de 21 de janeiro dirigido pelo ex.^{mo} sr. Caetano Alberto Maia ao digno presidente, participando a remessa do mappa demonstrativo dos materiaes de construção empregados nos concelhos de Borba, Villa Viçosa, Alhandra, Redondo, Estremoz; e finalmente uma carta do ex.^{mo} sr. Miguel Osorio Cabral, comunicando que existe em Coimbra pessoa competente que deseja prestar serviço á sociedade, e por isso se oferece a tirar o modelo do pulpito da igreja de Santa Cruz; deu-se conta de outro officio do socio correspondente

149

de Roure, pedindo desculpa por não ter comparecido áquelle sessão, e o sr. presidente disse estar encarregado de fazer igual declaração da parte dos ex.^{mos} srs. Duque de Loulé e Miguel do Canto.

Apresentou-se uma carta do nosso socio artista Lucas José dos Santos Pereira, e Fonseca, residente na cidade do Porto, em que se congratulavam pela primeira reunião solemne que a nossa Associação havia tido. Acerca da comunicação feita pelo ex.^{mo} sr. Miguel Osorio, foi de parecer o sr. presidente que se posesse á discussão o offerecimento feito por este ex.^{mo} socio, e a sociedade foi de parecer que se applicasse parte da quantia concedida pelo ministerio das obras publicas para o tapume da igreja do Carmo, para se mandar tirar o modelo do pulpito de Santa Cruz.

Em seguida poz-se á discussão qual devia ser o formato do nosso jornal, e decidiu-se que fosse em folio pequeno, por causa das plantas dos edifícios que deve apresentar, assim como que as duas primeiras fossem o convento de Mafra, e o Erario Regio, que tinha sido projectado para o sitio da Patriarchal Queimada, actualmente Praça do Príncipe Real. O sr. presidente apresentou a primeira destas plantas na grandeza propria do formato; e o sr. Rafael da Silva Castro offereceu-se para reduzir á mesma escala a outra, do Erario, por não caber no formato.

O sr. presidente apresentou o pensamento para o frontespicio do jornal, o que depois de algumas reflexões feitas pelos srs. Valentim José Corrêa e P. José Ferreira da Costa, ficou encarregado de o passar a limpo o primeiro dos ditos srs., fazendo-lhe as convenientes alterações.

O sr. presidente declarou que o sr. Domingos Velloso offereceu as molduras douradas para os retratos dos dois Architectos inaugurados na sessão solemne.

O sr. presidente disse que o relatorio annual do Instituto Real dos Archivos Britanicos, trata em primeiro logar das principaes construções que se fazem presentemente no nosso paiz; assim como falla do nosso collega e socio Lucas José dos Santos Pereira, e o menciona com louvor pela acertada restauração do convento da Batalha; conforme havia informado aquelle Real Instituto.

(Continua)

P. J. FERREIRA DA COSTA—2.^º Secretario.

BOLETIM

AVISO AOS ARCHITECTOS E ENGENHEIROS—O mestrado da cathedral de Bois-le-Duc propõe-se a fazer construir tres grandes altares, para o que convida os architectos e engenheiros da Hollanda e dos outros paizes a fazerem os seus projectos. Os autores dos tres melhores projectos (desenhos) receberão os premios de 800, 400 e 200 fr. cada um. As pessoas que desejarem concorrer poderão obter os detalhes e condições d'este concurso solicitando-os de M. Van Amelsfort, deão da cathedral, ou de M. Bolsius architecto em Bois-le-Duc.

O aviso que a este respeito vimos nao fixava época precisa para a entrega dos projectos.

CONVITE.—Lembramos que a sociedade franceza de archeologia pediu no fim do penultimo anno aos archeologos, que por intermedio do seu director mr. de Caumont que reside em Caen, lhe dissessem se ha nos seus respectivos paizes—Monumentos ou fragmentos de escultura que possam ser considerados como pertencendo ao periodo comprehendido entre o iv e o xi seculos—Sarcófagos de marmore dos primeiros seculos do christianismo—Câmpas da mesma época, de marmore ou pedra dura, tendo inscrições ou molduras—Em que igrejas ou museus existem—E finalmente outros quaesquer objectos d'este genero que se julguem anteriores ao xi seculo.

DA REVISTA DAS OBRAS PUBLICAS de Hespanha de 15 de janeiro de 1868, pag. 23, extrahimos o seguinte:

Dezembro 21—Ministerio do Ultramar—Real ordem determinando que a Inspecção geral das Filipinas tenha a seu cargo todas as obras publicas, tanto as que são costeadas por fundos do estado, como as que se executam com fundos locaes; designando a referida

150

inspecção as pessoas que hão de estudar e dirigir, tanto as obras de caminhos, canaes, portos e outras, como as construções civis, procurando, sempre que fôr possível, confiar as primeiras aos engenheiros, e as ultimas aos architectos civis.

Quanto seria para desejar que n'esta nossa terra, se adoptasse o exemplo dos nossos vizinhos!

A GALERIA VICTOR MANUEL.—Teve lugar em Milão no mez de setembro do anno findo a inauguração da galeria Victor Manuel, avenida coberta, de dimensões grandiosas e d'architectura sumptuosa que uma companhia milaneza levou a cabo, com o mais pleno resultado.

O espaço ocupado pelas antigas construções situadas entre a praça da cathedral e a do theatro da Scála, acha-se hoje preenchido por quatro grupos de edifícios sumptuosos e de fachadas uniformes que se estendem sobre duas avenidas as quaes, cortando-se em angulo recto, determinam, pela intersecção de seus eixos, o centro de uma praça de forma octogonal, tendo perto de 40 metros de diâmetro. As avenidas têm 45 metros de largura e medem 200 aproximadamente na sua extensão; sendo todos os edifícios que guardecem, tanto estas como a praça octogonal, de granito e de marmore, materiaes que pelo seu valor acrescem á sumptuosidade da decoração aonde, entre outras, avulta a escultura de cento e quatro elegantes caryatides. A principal avenida termina nas suas extremidades por dois arcos de triumpho do mais grandioso estylo que, decorados por columnas monolithas de granito, são de um efecto surprehendente.

A sumptuosidade do local, a ligação em que este se acha com os bairros mais frequentados de Milão e a presença das mais ricas lojas d'esta cidade alli reunidas, deve attrahir uma circulação actíssima de povo áquelle ponto; tanto mais que, na altura dos edifícios, isto é, a vinte e tres metros acima do solo, uma armação metalica envidraçada cobre toda a superficie ocupada pelas duas avenidas e pela praça octogonal, sobressabendo n'este ultimo ponto por uma cupula de forma hemispherica que tem 40 metros de diâmetro junto á sua base e, remata na sua parte culminante por uma lanterneta cuja abertura tem 10 metros e se acha collocada 50 acima do solo. Supporta esta uma plataforma de facil acesso, d'onde se pôde gozar o mais completo panorama de Milão e seus arrebaldes.

Toda a armação metalica para a cobertura, tanto das avenidas como da praça, foi fornecida pela casa Joret de Paris e fabricada nas suas officinas de Mantataire e Benages.

Com quanto o limitado espaço d'esta secção do nosso jornal nos não permitta entrarmos na apreciação e rigorosa descripção d'esta obra singular que, segundo a opinião dalguns jornaes estrangeiros que temos á vista excede a tudo quanto n'este genero tem sido executado até hoje, todavia além do que já apontámos, diremos mais o que segue.

A totalidade da vidraça empregada na sua cobertura mede 92:000 metros de superficie, e foi toda fornecida pela manufactura de Saint-Gobain, assim como 3:000 chapas de cristal destinadas aos mostradores das lojas estabelecidas em toda a extensão da galeria.

Vinte e cinco estatuas de homens illustres italianos devidas ao cinzel de estatuários milanezes, e além d'estas varias pinturas a fresco executadas por outros artistas italianos decoram a praça a que acima nos referimos, sendo o piso d'esta e de toda a galeria revestido de mosaicos de Veneza, executados todos nas officinas de Salviati.

Finalmente, a iluminação da galeria é feita por 2:000 bicos de gaz, cujas luzes reproduzindo-se sobre a immensa quantidade de espelhos das lojas tornam este local durante a noite, de um efecto deslumbrante.

A realisação d'esta importante obra tinha já motivado em épocas diferentes numerosos projectos sem resultado algum, até que a actual administração, tendo para o mesmo fim convidado a concurso publico os architectos de toda a Italia, entre todos os projectos por elles apresentados, foi o do distincto architecto de Bolonha M. J. Mengoni aquelle que reuniu maior numero de suffragios, ficando commettida a seu auctor a direcção da obra cuja execução foi re-

alisada por uma companhia milaneza d'edificações que elle mesmo organisára para esse fim.

Parece mais que esta obra prende com um vasto projecto de edificações que têm em vista desaffrontar a bem conhecida cathedral de Milão de todas as construções parasitas que a deturpam, e céral-a de uma praça digna d'ella d'onde melhor se possa colher a totalidade do seu efecto e apreciar a magnificencia da sua decoração.

A falta d'informações sobre o custo do monumento sumptuoso do qual acabámos de nos ocupar, notaremos apenas que, o numero de operarios empregados na sua execução, nunca foi inferior a 4:000, chegando esta cifra a attingir, na occasião do maior desenvolvimento dos trabalhos, o numero de 4:000. Foi assente a sua primeira pedra em 7 de maio de 1867, e abriu-se á circulação em 15 do mez de setembro ultimo, precedendo a cerimonia da inauguração que foi presidida por S. M. o Rei d'Italia.

MONUMENTO A CAMÕES.—N'um dos ultimos mezes do anno findo, foi inaugurado em Lisboa com a devida pompa o monumento do immortal cantor dos Luziadas—Luiz de Camões.

Folgamos que a digna commissão, que voluntariamente assumiu a responsabilidade de tão ardua tarefa, lograsse vêr coroados os seus esforços, e aproveitando esta occasião, lhe consignamos aqui um voto de agradecimento pela realização d'um pensamento que ha muito existia na mente de todos que presam as glorioas tradições d'este paiz. Igualmente felicitamos o sr. Victor Bastos auctor do monumento, pelo modo com que se houve no desempenho do honroso compromisso que contrahira.

Não somos nós dos que vêm nos monumentos publicos apenas uma ostentação vaidosa, quasi uma inutilidade, antes são para nós os monumentos, não só a manifestação do estado de civilisação dos povos que os levantam, mas tambem em occasões oportunas, um exemplo, um estimulo para as gerações presentes e futuras: são a satisfação dos brios nacionaes na prosperidade, são em fim as paginas de ouro das nações, o orgulho dos povos que se premiam.

Comtudo, é notavel a indifferença que tem havido em Portugal na practica d'estes principios que tanto ennobrecem um povo, e maravilha é, que gerações successivas tenham passado indiferentes durante seculos, sem que lhe ocorresse a idéa de levarem á posteridade, por meio de monumentos publicos a memoria de tantos homens illustres nascidos n'esta terra, que por seus altos feitos, surprehenderam o mundo n'outras epochas.

Felizmente, graças á iniciativa da digna commissão do monumento de Camões, uma divida tão sagrada não permanecerá ainda por longo tempo em aberto; por quanto, na cessão d'encerramento dos trabalhos d'esta commissão, propôz o exm.^o sr. José da Silva Mendes Leal que esta se constituisse em permanencia, com o fim de emprehender um monumento collectivo aos nossos grandes navegadores e heroes das conquistas dos seculos XV e XVI.

A proposta de s. ex.^a e o empenho com que ella foi desde logo abraçada por todos os membros da digna commissão, é para nós todos uma garantia de que o amor patrio, esse poderoso movel de todas as nações, não está ainda de todo extinto entre os portuguezes; e certos de que a digna commissão, por meio de um concurso publico, proporcionará aos artistas occasião opportuna de contribuirem estes para a realização de um tão nobre pensamento, não encareceremos sobre a utilidade e vantagens d'esse meio com relação a um objecto de tal ordem.

CONCURSO DO SANCTUARIO DE S. TORQUATO, EM GUIMARÃES.—Teve lugar no mez de Dezembro do anno findo a exposição e julgamento dos trabalhos d'este concurso, sendo tres os candidatos que se apresentaram.

Não podendo nós conformar-nos com as disposições do programma nem com o processo seguido no julgamento, só diremos a este respeito que nos consta fôra premiado em primeiro lugar o projecto apresentado por um architecto francez, em segundo lugar o projecte de um architecto portuguez que se acha actualmente estudando em Paris.



ANTIGO PROJECTO DE MONUMENTO
DEDICADO Á MEMORIA DE S. M. A RAINHA AS^a D. MARIA I.

PLANTA DO LARGO DA ESTRELLA

com as modificações projectadas.



Lith. de CARLOS MAIGNE, Lisboa

Escala 0,001 por 1,000
10^M 5 0 10^M 20^M 30^M 40^M 50^M 60^M 70^M 80^M 90^M
100 METROS